



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Percepção de Violência Obstétrica por Mulheres Assistidas em duas Maternidades de Porto Alegre
Autor	ALICE STEGLICH SOUTO
Orientador	CAMILA GIUGLIANI

Percepção de Violência Obstétrica por Mulheres Assistidas em duas Maternidades de Porto Alegre

Autora: Alice Steglich Souto

Orientadora: Camila Giugliani

Instituição de Origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: A violência obstétrica (VO) é um problema de saúde pública reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS 2014). O termo remete a diferentes formas de violência perpetuadas pela própria equipe assistencial de saúde contra mulheres no período gravídico-puerperal. No Brasil, estudos anteriores encontraram prevalência variável de VO, de 25% a 87% (Venturi et al. 2010; Andrade et al. 2016). Junto a isso, taxas elevadas de intervenções obstétricas desnecessárias, como cesarianas e episiotomias sem indicação precisa e uso indiscriminado de ocitocina ocorrem em todo o país, demonstrando não conformidade com as recomendações da OMS e do Ministério da Saúde para experiência positiva de parto (Cad. Saúde Pública vol.30 supl.1 Rio de Janeiro 2014; OMS 2018). Assim, o objetivo deste estudo foi estimar a taxa de violência obstétrica considerando a percepção das mulheres e a ocorrência de práticas não recomendadas na assistência ao parto.

Métodos: Estudo transversal com 287 puérperas atendidas em duas maternidades de grande porte, uma pública e outra privada. Foram selecionadas aleatoriamente mulheres que tiveram recém-nascido a termo e sem intercorrências neonatais. Aproximadamente 30 dias após o parto, foi aplicado questionário estruturado nos domicílios das puérperas. A percepção de VO foi aferida com a pergunta: “Em algum momento, você se sentiu desrespeitada, humilhada ou maltratada pelos profissionais de saúde?”. Em caso de resposta afirmativa, as formas de violência percebida eram especificadas (sexual, psicológica e/ou física). Para calcular as taxas de VO, foram utilizados dois cenários: ocorrência de VO explícita (apenas situações de claro desrespeito à autonomia e à integridade física da mulher foram consideradas VO) e ambiente de cuidado ideal (qualquer situação em que as boas práticas recomendadas pela OMS não foram atendidas foram consideradas VO). As análises estatísticas, realizadas com o programa SPSS, foram expressas em frequências.

Resultados: A percepção de VO ocorreu em 12,5% das mulheres. Composto-se com as demais variáveis relacionadas às práticas obstétricas, sem considerar aquelas relacionadas ao trabalho de parto (como, por exemplo, pedir analgesia e não ser atendida, ou sofrer intervenções não recomendadas de rotina sem consentimento da mulher), a taxa de VO foi 37,6% no cenário de VO explícita e 58,9% no cenário de cuidado ideal. Já quando as variáveis de trabalho de parto foram consideradas na análise, as taxas de VO foram 51,6% e 81,2% nos cenários de VO explícita e de cuidado ideal, respectivamente.

Conclusões: O estudo evidencia grave problema de violência de gênero e de não conformidade das práticas obstétricas vigentes em relação às recomendações da OMS. Ainda, a discrepância entre a percepção de VO pelas mulheres e a ocorrência de VO quando levadas em conta as práticas não recomendadas de rotina levanta a questão da desinformação sobre os direitos e suas violações, tanto por parte das mulheres, como por parte dos profissionais. Análises para identificar os fatores associados com a ocorrência de VO estão em andamento.